

Ensaio sobre a cegueira (hiper)moderna: aspectos bioéticos das cirurgias plásticas estéticas¹

Blindness (hyper) modern: bioethical aspects of aesthetic plastic surgery

Gabriel Ferreira da Fonseca², Thais Santos Marques Silva³

Resumo:

O presente trabalho procura, mediante premissas da teoria da hipermodernidade de Gilles Lipovetsky, estudar as cirurgias plásticas estéticas no estágio atual da modernidade. Faz breve revisão bibliográfica sobre o consumo, que se volta, cada vez mais, para o corpo humano, como forma de alcançar a felicidade e o sucesso pessoal. Assim, em meio à eterna ansiedade, incentivada pelo mercado, os avanços técnico-científicos propiciam uma busca sem fim da inalcançável *boa forma*. Portanto, numa *sociedade da moda*, em que imperam as técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes, não se pode deixar de questionar os conflitos éticos, que decorrem de tais intervenções cirúrgicas estéticas.

Palavras-chave: Cirurgia plástica. Bioética. Narcisismo.

Abstract:

This paper seeks, through some assumptions of the theory of hyper modernity Gilles Lipovetsky, to study the plastic surgeries in the current stage of the modernity. In this sense, it was done a brief review of the literature about the consumption, which turns, increasingly, to the human body as a way to achieve happiness and personal success. Thus, in the midst of perpetual anxiety, encouraged by the market, the technical-scientific advances provide an endless pursuit of the unattainable "good shape". Therefore, a "society of fashion" in which reign the techniques of short-lived, seduction and permanent renewal, we must question the ethical conflicts that arise from such aesthetic surgeries.

Key words: Plastic Surgery. Bioethics. Narcissism.

¹ Artigo recebido em 10/02/2013 e aceito em 24/06/2013.

² Acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Email: gabrielfonseca@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Email: tata_thaismarques@hotmail.com.

Tudo foi muito rápido: a coruja de Minerva anunciava o nascimento do pós-moderno no momento mesmo em que se esboçava a hipermodernização do mundo. Lipovetsky

[...] penso que estamos cegos. Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem. Saramago

Este trabalho, que em seu título homenageia o escritor português José Saramago⁴, visou estudar alguns aspectos da bioética voltados para o crescente uso de cirurgias plásticas, com fins unicamente estéticos, à luz do contexto contemporâneo, que o filósofo francês Gilles Lipovetsky chama de hipermodernidade⁵. Assim, buscou-se uma reflexão sobre o contexto em que estamos inseridos, o que pode ajudar a melhor compreender as ameaças e as possibilidades que esta realidade (hiper)moderna traz para o âmbito das cirurgias estéticas, em que os corpos tornam-se, como nunca, passíveis de remodelagens. Neste sentido, questionamos se a aproximação do corpo às lógicas de mercado não caracterizaria uma espécie de *cegueira* moderna, que se intensifica com a hipermodernização do mundo.

Objetivou-se uma reflexão acerca destas práticas cirúrgicas, em tempos (hiper)modernos – que possuem as suas *luzes*, mas, também, as suas *cegueiras*, ou seja, além dos seus progressos, avanços e conquistas, há os seus déficits e excessos intrínsecos, como a exacerbação do consumismo, do individualismo e da busca por satisfações momentâneas. Deste modo, visou-se estudar quais caminhos podem ser vislumbrados contemporaneamente para um futuro menos marcado por tais *cegueiras*, já que, conforme Boaventura de Sousa Santos⁶, uma das importantes tarefas da humanidade é ter consciência tanto dos excessos, quanto dos déficits do projeto da modernidade.

Portanto, através do estudo de alguns aspectos da teoria da hipermodernidade proposta por Lipovetsky, buscou-se construir uma reflexão acerca dos aspectos bioéticos das cirurgias

⁴ SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁵ LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2007.

⁶ SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 106.

plásticas estéticas. Neste sentido, por meio de revisão bibliográfica, procurou-se relacionar como os avanços tanto das promessas, quanto dos perigos, destas intervenções cirúrgicas nos tempos atuais, estão diretamente ligados à intensificação das principais características da modernidade.

A sociedade da moda: entre a felicidade e a ansiedade

Conforme Lipovetsky⁷, o rótulo *pós-moderno* já esgotou a sua capacidade de exprimir a época que se anuncia – uma modernidade elevada à potência, uma hipermodernização do mundo, que, dentre outras coisas, caracteriza-se pela mercantilização proliferativa e pelo ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas. Portanto, longe de estarmos diante do óbito da modernidade, assistimos esta modernização desenfreada, pautada no liberalismo globalizado, no individualismo extremado, na mercantilização quase generalizada dos modos de vida e na exploração da razão instrumental.

Neste contexto, com os avanços técnico-científicos, que ampliaram as possibilidades dos homens transformarem os seus corpos, aliados à crescente mercantilização dos modos de vida, o ideal de beleza transforma o corpo em produto, que, como tal, é fruto de uma produção simbólica de enorme plasticidade. Assim, conforme as necessidades dos consumidores, o corpo torna-se objeto a ser trabalhado e construído segundo as regras que fazem dele o passaporte para a felicidade⁸. Entretanto, estas necessidades se renovam sempre, pois, os mercados de consumo se alimentam da ansiedade eterna, que eles próprios estimulam e intensificam⁹.

Assim, o Narciso contemporâneo não é, consoante Lipovetsky¹⁰, o indivíduo triunfante, mas o indivíduo fragilizado e desestabilizado, que, devido à grande autonomia e mobilidade decorrentes da ausência de normas sociais e de referências coletivas introjetadas, encontra-se diante do crescimento inquietante da ansiedade, da depressão e de diversas perturbações psicopatológicas comportamentais.

⁷ LIPOVETSKY, Gilles. Op. cit., 2007, p. 52-3.

⁸ FERREIRA, Francisco Romão. **Os sentidos do corpo**: cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública. 2006. 220 f. (Tese). Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, 2006, p. 98-100.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p. 121.

¹⁰ LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004, p. 21.

Vivenciamos uma modernidade consumada, que assume o lugar da modernidade limitada anterior, mas que se alicerça em três axiomas constitutivos desta: o mercado, a eficiência técnica e o indivíduo. Deste modo, já faz tempo que a sociedade do consumo escancara os seus excessos, mas agora isso se exacerba ilimitadamente. O hipercapitalismo está acompanhado de um hiperindividualismo, que ora é prudente e calculista, ora desregrado, desequilibrado e caótico. A era hipermoderna produz, ao mesmo tempo, a ordem e a desordem, a independência e a dependência, a moderação e a imoderação¹¹.

A era do *hiper*, da nova sociedade moderna, caracteriza-se pela racionalização da racionalidade - modernização da modernidade. Logo, por toda parte, a obrigação é o movimento e a mudança, que são ditados pelo imperativo da eficiência e pela necessidade da sobrevivência, ou seja, é preciso acelerar e evoluir para não ser deixado para trás. Neste sentido, diante da cultura do mais rápido e do sempre mais, resta saber se não estamos a modernizar às cegas, num niilismo técnico-mercantil, que transforma a vida em algo sem propósito e sem sentido¹².

A consagração do aqui-agora, do presente, se deu com a revolução do cotidiano, com as convulsões nas aspirações e nos modos de vida, estimuladas pelo último meio século. Neste sentido, é necessário levar em consideração a passagem do capitalismo de produção para uma economia de consumo e de comunicação de massa, assim como, a substituição de uma sociedade rigorístico-disciplinar por uma *sociedade da moda*, que se sustenta em técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes. Portanto, o que se vê em toda parte são as obsolescências aceleradas dos modelos e produtos ofertados, bem como os muitos mecanismos da sedução. Assim, pelo modelo da moda, a novidade e a tentação sistemáticas são a regra e forma de organização do presente, que se torna a temporalidade socialmente prevalente¹³.

Neste sentido, o consumismo, associado não à satisfação dos desejos, mas à incitação do desejo por outros desejos, sempre renovados, alcança também o corpo humano, já que tudo que o mercado toca transforma-se em mercadoria de consumo. Mas, na busca da *boa forma*, ao

¹¹ LIPOVETSKY, Gilles. Op. cit., 2007, p. 54-6.

¹² LIPOVETSKY, Gilles. Op. cit., 2007, p. 56-7.

¹³ LIPOVETSKY, Gilles. Op. cit., 2007, p. 59-69.

contrário do que ocorre com a busca da saúde, não há um ponto em que se alcance este objetivo e em que se possa apenas mantê-lo e usufruí-lo: *a luta pela boa forma é uma compulsão que logo se transforma em vício*. Como tal, nunca termina, pois sempre há uma dose de *má forma*, sempre há a possibilidade de melhorar, e não há um padrão de *boa forma* objetivo e estático¹⁴.

Assim, conforme Mirian Goldenberg¹⁵, o corpo deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, construído e imitado, pois é ele que entra e sai da moda. A roupa torna-se apenas um acessório para valorização e exposição deste corpo da moda. Uma revista especializada dos Estados Unidos (EUA), *The Journal of Sex Research*, mostrou uma pesquisa com duzentas universitárias, que revelou ser a ansiedade em relação à forma física o motivo que leva muitas mulheres até mesmo a evitarem o sexo. Nesta mesma direção, uma pesquisa nacional sobre a vida sexual dos brasileiros, com 3.000 homens e mulheres, de todas as classes sociais, coordenada pela psiquiatra Carmita Abdo, do Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas de São Paulo, revelou que um dos principais motivos de 35% das mulheres pesquisadas não sentirem nenhuma vontade de ter uma relação sexual é *a angústia de não corresponder à imagem da mulher com o corpo perfeito que aparece nas revistas e nas propagandas de TV*¹⁶.

O Brasil figura entre os campeões em número de cirurgias plásticas. Conforme Canto¹⁷, o país está em segundo lugar no ranking daqueles que mais fazem cirurgias plásticas, perdendo apenas para os EUA. Neste sentido, consoante uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCEP), encomendada ao instituto Datafolha, o Brasil registrou 1.252 cirurgias plásticas

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. Op. cit, p. 118-24.

¹⁵ GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento** 2006 jul-dez; 2(2):115-23. Disponível: <http://b200.nce.ufrj.br/~revista/artigos/v2n2/artigo09_v2n2.pdf>. Acesso 5 ago. 2010, p. 118.

¹⁶ GOLDENBERG, Mirian. A construção social do corpo: um novo modelo de ser mulher. **Revista da Faced** 2002 fev.; 7(6):87-97. Disponível: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/view/2777/1955>>. Acesso 5 ago. 2010, p. 93.

¹⁷ CANTO, S. Brasileiras estão entre as mais vaidosas do mundo. **Correio do Estado**, Campo Grande, 07/04/2010, Beleza. Disponível: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=93:brasileiras-estao-entre-as-mais-vaidosas-do-mundo&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87>. Acesso 2 ago. 2010.

estéticas por dia entre setembro de 2007 a agosto de 2008, o que equivale a 457 mil cirurgias em um ano¹⁸.

A cegueira (hiper)moderna: cultura narcisística e banalização das intervenções estéticas

A aparência do corpo, na cultura narcisística ocidental, vem se tornando, cada vez mais, supervalorizada, pois, são associadas a ela ideias de sucesso e de felicidade do indivíduo contemporâneo. Assim, consoante Leal et al¹⁹, um fato que contribui para esta hegemonia da imagem e da aparência é a construção mercadológica, tecnológica e midiática do corpo ideal e da beleza imaginária. Deste modo, a realização pessoal depende, cada vez mais, da *boa forma* e da *boa aparência* do corpo, o que é intensificado pelos meios de comunicação de massa. Então, por meio dos discursos midiáticos, produz-se o consumo como estilo de vida e o corpo como o mais importante objeto de consumo.

Conforme Margareth Rago²⁰, as práticas de embelezamento e de rejuvenescimento são, na cultura do narcisismo (reforçada pela preocupação consigo mesmo), largamente difundidas pela mídia e pelo mercado. Deste modo, o corpo, segundo Goldenberg²¹, é submetido a coerções estéticas, mais do que nunca regulares, imperativas e geradoras de ansiedade.

O corpo modificado pela Medicina da Beleza ascende à condição de *corpo normal*, já que é o mais habitualmente exposto nos meios de comunicações. Neste sentido, Neto e Caponi²² chegam a afirmar que é a experimentação da diferença entre um ideal de beleza e a imagem do próprio corpo que pode estar na gênese dos problemas da baixa auto-estima, do mal estar e do sofrimento psíquico que costumam servir de justificativas para as intervenções estéticas. Desta

¹⁸ SANT'ANNA, Emilio. País registra 1,2 mil plásticas ao dia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 fev. 2009, Coluna Vida, p. A15. Disponível: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=101:país-registra-12-mil-plasticas-ao-dia&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87>. Acesso 2 ago. 2010.

¹⁹ LEAL, Virginia Costa Lima Verde; CATRIB, Ana Maria Fontenelle; AMORIM, Rosendo Freitas de; MONTAGNER, Miguel Ângelo. O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso. **Ciência & Saúde Coletiva** 2010 jan.; 15(1): 77-86. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n1/a13v15n1.pdf>>. Acesso 5 ago. 2010. p. 82.

²⁰ RAGO, Margareth. Narcisismo, sujeição e estética da existência. **Verve** 2006 maio; (9): 236-50. Disponível: <<http://www.nu-sol.org/verve/pdf/Verve9.pdf>>. Acesso 13 ago. 2010, p. 238.

²¹ GOLDENBERG, Mirian. Op. cit., p. 123.

²² NETO, Paulo Poli; CAPONI, Sandra N.C. A medicalização da beleza. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, 2007 set-dez; 11(23):569-84. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v11n23/a12v1123.pdf>>. Acesso 5 ago. 2010. p. 580.

forma, o corpo dissonante traz a infelicidade, que pode ser *curada* com tais intervenções cirúrgicas.

Assim, triunfa o papel dos cirurgiões plásticos, que adéquam os corpos aos parâmetros traçados pela cultura vigente²³. Deste modo, a passagem por mesas cirúrgicas adquire o *status* de *sonho de consumo* de muitos que buscam uma reengenharia da estrutura corporal. Mas, diante da crescente divulgação das novas técnicas, cada vez mais eficientes, e da popularização do acesso, inclusive por financiamentos e consórcios, muitas vezes, omitem-se os riscos das intervenções cirúrgicas e os limites do corpo.

A banalização das intervenções cirúrgicas estéticas, que, segundo Maria Lucia Homem²⁴, é um dos reflexos da crescente mercantilização de todos os domínios da experiência humana, faz parte do processo em que o consumismo passa a penetrar territórios até então sagrados, como o corpo e a própria alma. Assim, pelo consumo de produtos psicofarmacológicos e de cirurgias plásticas, que surgem como remédios para as angústias, ansiedades, medos e tristezas, o narciso hiper-moderno busca a cura para a sua alma e para o seu corpo. Entretanto, com isso, nas palavras da autora²⁵, o sujeito torna-se um *consumidor voraz de seu próprio ser*, um *consumidor de si mesmo*.

Neste sentido, podemos afirmar que vivemos numa espécie de cegueira devido à lógica que impera soberana na sociedade ocidental, que é a do consumo exacerbado, da moda, do efêmero, do mercado e da técnica. Deste modo, abrir os olhos é necessário: é preciso empenho e esforço para enxergar que por trás dos avanços, progressos e conquistas modernas, pós-modernas e hipermodernas, ainda há muito a se alcançar, sobretudo, no que diz respeito ao respeito e à proteção da pessoa humana e sua vida digna e saudável. Assim, não bastam os avanços técnico-

²³ FONTES, Malu. Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo. **Contemporanea** - Revista de Comunicação e Cultura, América do Norte 2006 jun; 4(1):117-36. Disponível: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3482/2539>>. Acesso 5 ago. 2010, p. 125.

²⁴ HOMEM, Maria Lucia. Entre próteses e prozacs: o sujeito contemporâneo na descridibilidade da sociedade de consumo. **Estados Gerais da Psicanálise**: Segundo Encontro Mundial. Rio de Janeiro; 2003, p. 1-9. Disponível: <http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/4_Homem_135161003_port.pdf>. Acesso 5 ago. 2010. p. 1.

²⁵ HOMEM, Maria Lucia. Op. cit., p. 3-8.

científicos, as propagandas e as condições de pagamentos para que tais objetivos sejam conquistados, é preciso que se cultive, cada vez mais, a ética do cuidado, da responsabilidade e do respeito ao próximo. Este é um desafio para a bioética.

Conforme Rodríguez e González²⁶, faz-se necessário, por exemplo, estabelecer critérios claros para a seleção de pacientes adequados às intervenções cirúrgicas estéticas. Segundo os autores, é importante, dentre outras coisas, investigar se há um problema físico objetivo e razoável – que justifique a intervenção cirúrgica – e se o candidato compreende os prós e contras da cirurgia. Portanto, a ética que precisa ser cultivada é também a do diálogo claro e sincero entre médicos e pacientes.

Consoante Boaventura de Sousa Santos²⁷, em relação ao nível da racionalidade moral-prática, o princípio do mercado adquiriu, ao longo da modernidade, pujança sem precedentes, tanto é que extrapolou o plano econômico e procurou colonizar tanto o princípio do Estado, quanto o princípio da comunidade. Mas, conforme Santos, mesmo diante do colapso das formas éticas, há sinais de futuro: começa a emergir uma nova concepção dos direitos humanos e da ideia de solidariedade, portanto, surgem sinais de uma nova ética, relacionada com algumas transformações ao nível do princípio do mercado e do princípio da comunidade. Na mesma direção, segundo o autor, no âmbito da racionalidade cognitivo-instrumental, o inconformismo combinado com a crítica aprofundada da epistemologia da ciência moderna, contribui para a emergência de um conhecimento prudente para uma vida decente.

Assim, segundo Santos²⁸, são os déficits e os excessos irreparáveis do projeto da modernidade *que constituem a nossa contemporaneidade e é deles que temos de partir para imaginar o futuro e criar as necessidades radicais cuja satisfação o tornarão diferente e melhor que o presente*. A nosso ver, é preciso encarar a cegueira moderna, que se intensificou nas últimas décadas por meio do processo que Lipovetsky chama de hipermodernização do mundo, pois,

²⁶ RODRÍGUEZ, Kyrenia Sánchez; GÓNZALEZ, Roidel Alessandrini. Reflexiones éticas necesarias en pacientes de cirugía plástica. *Bioética* 2008 jan-abr.; 8(1):22-6. Disponível: <<http://www.cbioetica.org/revista/81/812226.pdf>>. Acesso 5 ago. 2010. p. 26.

²⁷ SANTOS, Boaventura de Sousa. Op. cit., 2003, p. 87.

²⁸ SANTOS, Boaventura de Sousa. Op. cit., 2003, p. 102.

corremos o risco, conforme Santos²⁹, de o corpo humano se tornar apenas uma mercadoria – a mercadoria por excelência.

Esta espécie de cegueira que acomete as chamadas *sociedades de consumo*, com a modernização da modernidade, caracteriza a era do *hiper*, exacerbando o individualismo, a cultura do narcisismo, a ética hedonista e a busca imediatista do prazer. Neste contexto, conforme Severiano e Álvaro³⁰, *a beleza, a juventude, a felicidade, o sucesso pessoal etc. são cada vez mais reivindicados como um bem a ser adquirido por meio do consumo*.

Nesta direção, consoante Lipovetsky³¹, o consumo e a comunicação, a partir dos anos de 1950, levam, lentamente, a modernidade aos seus mais extremos limites. Mas, segundo este autor, não se pode dizer que a moda ou o consumo resultem necessariamente na alienação dos indivíduos, como se tende a concluir pelo olhar marxista. Lipovetsky traz uma leitura não apocalíptica da individualização do mundo, já que, para ele, *o universo neo-individualista não é nem o inferno, nem o éden*. Este autor acredita que a tecnociência é o instrumento mais importante de aceleração da História e, portanto, irá, habitualmente, confrontar-nos com novas questões. Mas, com isso, não defende uma visão triunfalista da nossa *sociedade da moda*, pois tem consciência da existência de um mal-estar, ou seja, da existência de déficits e excessos nas sociedades hiper-modernas, que, metaforicamente, podemos considerar como um estado de cegueira.

Conclusões articuladas

Com o avanço e a popularização das técnicas cirúrgicas estéticas, intensifica-se a necessidade de uma autocrítica constante, que um olhar sobre as questões diretamente ligadas à vida, à dignidade e à saúde, pode ajudar a fornecer. Neste sentido, acreditamos que esta reflexão bioética carece de um estudo do contexto hipermoderno em que vivemos.

²⁹ SANTOS, Boaventura de Sousa. Op. cit., 2003, p. 104.

³⁰ SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira, ÁLVARO, José Luis. **Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas**: uma análise psicossocial. Rio de Janeiro: UERJ, 2006, p. 43.

³¹ LIPOVETSKY, Gilles. O futuro do passado: uma conversa sobre a hipermodernidade. In: Forbes J, Realie Jr M, Jr. Ferraz TS, organizadores. **A invenção do futuro**: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade. Barueri: Manole; 2005, p. 59-150. p. 66-117.

Na *sociedade da moda*, que se sustenta em técnicas do efêmero, da renovação e da sedução permanentes, o corpo humano torna-se uma lucrativa mercadoria de consumo. Assim, a *boa forma*, com a ajuda da eterna ansiedade estimulada pelo mercado, é vendida, por meio de cirurgias plásticas estéticas, como passaporte para a felicidade.

A crescente banalização das intervenções cirúrgicas estéticas na cultura narcisística ocidental parece ser um dos sintomas da cegueira moderna, que se intensifica com a hipermodernização do mundo. Portanto, é necessário estudar esse fenômeno como reflexo de um projeto de modernidade com seus déficits e excessos.

Neste campo de estudo, a medicina não pode estar desacompanhada das reflexões filosóficas da bioética e da proteção jurídica garantida pelos diplomas legais que tutelam as relações de consumo, sobretudo, quando se tem diante dos olhos consumidores hipervulneráveis em tempos hipermodernos.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

CANTO, S. Brasileiras estão entre as mais vaidosas do mundo. **Correio do Estado**, Campo Grande, 07/04/2010, Beleza. Disponível: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=93:brasileiras-estao-entre-as-mais-vaidosas-do-mundo&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87>. Acesso 2 ago. 2010.

FERREIRA, Francisco Romão. **Os sentidos do corpo**: cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública. 2006. 220 f. (Tese). Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, 2006.

FONTES, Malu. Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo. **Contemporanea** - Revista de Comunicação e Cultura, América do Norte 2006 jun; 4(1):117-36. Disponível: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3482/2539>>. Acesso 5 ago. 2010.

GOLDENBERG, Mirian. A construção social do corpo: um novo modelo de ser mulher. **Revista da Faced** 2002 fev.; 7(6):87-97. Disponível: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/view/2777/1955>>. Acesso 5 ago. 2010.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento** 2006 jul-dez; 2(2):115-23. Disponível:

<http://b200.nce.ufrj.br/~revista/artigos/v2n2/artigo09_v2n2.pdf>. Acesso 5 ago. 2010.

HOMEM, Maria Lucia. Entre próteses e prozacs: o sujeito contemporâneo na descredibilidade da sociedade de consumo. **Estados Gerais da Psicanálise**: Segundo Encontro Mundial. Rio de Janeiro; 2003, p. 1-9. Disponível:

<http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/4_Homem_135161003_port.pdf>. Acesso 5 ago. 2010.

LEAL, Virginia Costa Lima Verde; CATRIB, Ana Maria Fontenelle; AMORIM, Rosendo Freitas de; MONTAGNER, Miguel Ângelo. O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso. **Ciência & Saúde Coletiva** 2010 jan.; 15(1): 77-86. Disponível:

<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n1/a13v15n1.pdf>>. Acesso 5 ago. 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. O futuro do passado: uma conversa sobre a hipermodernidade. In: Forbes J, Realle Jr M, Jr. Ferraz TS, organizadores. **A invenção do futuro**: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade. Barueri: Manole, 2005.

NETO, Paulo Poli, CAPONI, Sandra N.C. A medicalização da beleza. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.**, 2007 set-dez; 11(23):569-84. Disponível:

<<http://www.scielo.br/pdf/icse/v11n23/a12v1123.pdf>>. Acesso 5 ago. 2010. p. 580.

RAGO, M. Narcisismo, sujeição e estética da existência. **Verve** 2006 maio; (9): 236-50. Disponível: <<http://www.nu-sol.org/verve/pdf/Verve9.pdf>>. Acesso 13 ago. 2010.

RODRÍGUEZ, Kyrenia Sánchez; GÓNZALEZ, Roidel Alessandrini. Reflexiones éticas necesarias en pacientes de cirugía plástica. **Bioética** 2008 jan-abr.; 8(1):22-6. Disponível:

<<http://www.cbioetica.org/revista/81/812226.pdf>>. Acesso 5 ago. 2010.

SANT'ANNA, Emilio. País registra 1,2 mil plásticas ao dia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 fev. 2009, Coluna Vida, p. A15. Disponível:

<http://www2.cirurgioplastica.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=101:país-registra-12-mil-plasticas-ao-dia&catid=42:saiu-na-midia&Itemid=87>. Acesso 2 ago. 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira, ÁLVARO, José Luis. **Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas**: uma análise psicossocial. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.